



## Local Atual

[Início](#)
[Notícias](#)

## Ações

[Adicionar Link a Listagem](#)


## Seminário de Conjuntura do Ibre antecipa cenário econômico brasileiro

Do ponto de vista político, é possível que a crise seja mesmo uma marolinha que afetará muito mais os ricos que os pobres. A afirmação foi do chefe do Centro de Crescimento Econômico do Ibre, Samuel de Abreu Pessoa, durante as discussões que se seguiram ao Seminário de Conjuntura do Ibre, realizado nesta quarta-feira (18 de março), em nosso auditório. O encontro tinha o objetivo de discutir as perspectivas econômicas para 2009 neste quadro de crise econômica mundial e antecipar cenários econômicos para o país. No aspecto econômico, porém, os economistas do Ibre demonstraram o melhor lugar para apreciar marolas é mesmo em terra firme.

O seminário, conduzido pelo economista Régis Bonelli, contou com exposições de Aloísio Campelo, Salomão Quadros, André Braz, Lia Valls, Samuel de Abreu Pessoa, Mauro Lopes e Marcelo Neri. Na avaliação de Aloísio Campelo, os números da indústria estão fracos e não há perspectiva de recuperação no curto prazo. Segundo ele, a confiança da indústria está em queda e os empresários – 54% deles – se queixam do alto grau de exigências para a tomada de crédito com taxas de juros altos. “Além disso, o nível de utilização da capacidade instalada (Nuci) continua caindo e apresentou, em fevereiro, a marca de 77,5%. Mas pudemos observar que a produção física da indústria já apresenta ligeira recuperação”, disse.

Aloísio acredita que “ainda vai demorar para a indústria investir e contratar”. Para ele, o quadro é de pessimismo para os próximos seis meses. “Os setores que mais contribuíram para a queda dos estoques em 2008 foram o metalúrgico, o mecânico e o de material de transporte o que representa 52,1%”, revelou. O coordenador do Núcleo de Pesquisas e Análises Econômicas destacou, no entanto, que o Índice de Confiança do Consumidor (ICC) brasileiro é mais alto do que os registrados na Europa, na Argentina e nos Estados Unidos – neste último, o cenário é ainda pior ainda com a queda do consumo - aproximando-se do zero no primeiro trimestre. “Apesar disso, o consumidor brasileiro continua cauteloso, principalmente quando se trata da compra de bens duráveis, em queda desde março do ano passado”, afirmou.

Régis Bonelli também destacou a queda do nível de atividade e a desaceleração – segundo ele, “sem precedentes” – da indústria de transformação. “Os impostos cresceram mais que o valor adicionado (VA) que, por sua vez, cresceu menos que o PIB. Além disso, o consumo do Governo subiu no quarto trimestre, fato que contribuiu para o aumento dos preços”, ressaltou o pesquisador associado. Arguido pelo diretor do Ibre, Luiz Guilherme Schymura, Bonelli revelou que teme o descolamento entre a produção industrial e as vendas no varejo, processo iniciado em 2003 e observado até janeiro deste ano. Por sua vez, o coordenador de Análises Econômicas Salomão Quadros manifestou sua preocupação com o que chamou de uma bomba-relógio dos custos da indústria, acionada pela queda dos bens intermediários e pelos estoques lotados em todo o mundo. Já o economista André Braz observou que, nos últimos nove meses, vem notando um descolamento entre os preços dos produtos – com tendência de redução – e dos serviços de empresas, como escolas e hospitais - com taxas acumuladas no mesmo período.



No âmbito social, **Marcelo Neri** disse que o Brasil e o mundo vivem a “crônica de uma crise anunciada”. No país, segundo o chefe do Centro de Políticas Sociais, a renda domiciliar per capita no trabalho mostra um quadro de agravamento, com queda de R\$ 829 para R\$ 659 em janeiro. “Desde o início da crise, observa-se uma época historicamente perigosa para a classe AB, com a perda de emprego e, conseqüentemente, da renda. Neri revelou que - segundo a Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE - pertence à classe AB a família com renda superior a R\$ 4.807.



As perspectivas no setor agrícola não são das melhores. Mauro Lopes destacou que a posição do país será de grande dependência do mercado internacional – maior que os 30% atuais: “O trigo que comprávamos da Argentina a preço baixo não virá por causa da seca que atingiu aquele país. A partir de agora, vamos comprá-lo dos Estados Unidos e Canadá. Vamos precisar de cinco milhões de toneladas. Com o Real em baixa e o Dólar em alta, as perspectivas não são boas e os preços vão subir ao longo do ano”. Segundo o consultor em estudos agrícolas, a soja que o país exporta terá uma rentabilidade muito baixa na comparação com a Bolsa de Chicago, com o bushel (27,2 kg) custando U\$ 9,15: “Também o milho vai ficar abaixo dos U\$ 5, chegando a U\$ 3,95. Embora nossa safra de grãos tenha crescido nos últimos cinco anos – 143 milhões de toneladas em 2008 - a escassez de capital na agricultura é severa”, alertou.

Lia Valls fechou o ciclo de palestras apresentando projeções no setor de comércio exterior. Segundo ela, o Fundo Monetário Internacional (FMI) estima que o crescimento do PIB mundial será de 0,5% em 2009 – com 6,7% de crescimento na China e de 1,8% no Brasil, mas com números negativos nos Estados Unidos (-1,6%) e também na zona do Euro (-2%). “Após ter crescido 7,2% em 2007 e 4,1% em 2008, o comércio mundial sofrerá redução de 2,8% em 2009. No Brasil, nossas commodities mais importantes – farelo de soja, suco de laranja, gasolina, óleo de soja, petróleo bruto, couro, minério de ferro, etanol etc – apresentarão significativa redução de preços.

A economista-chefe do Centro de Comércio Exterior ressaltou que embora o Brasil tenha uma linha diversificada de produtos, não contamos com a diversificação de mercados compradores: “E mais, os Estados Unidos são o único país desenvolvido que tem pauta diversificada de produtos brasileiros. Eles são o nosso melhor mercado, uma vez que a China compra uma linha muito limitada de produtos, como a soja e o minério de ferro”, acrescentou. Sobre a possibilidade de expansão da carteira de exportações, Lia Valls lembrou que nossos principais mercados foram os países da América Latina – com 39,3% -, União Européia – com 19% - e Estados Unidos – com 17,6%. “Este cenário não aponta que possa haver aumento de nosso mercado, até porque nosso maior comprador são os países da América Latina, região – sabidamente - das mais pobres”, concluiu.

Samuel de Abreu Pessoa encerrou os trabalhos destacando que a situação inflacionária atual é compatível com o tripé emprego, varejo e renda. Ele vislumbra um cenário com uma indústria mais forte – com a possibilidade de inflação mais severa – para o próximo ano.

